

ALFABETIZAÇÃO: DIFICULDADES DE ENSINO E APRENDIZAGEM EXPLICITADAS POR PROFESSORES

Resumo: A alfabetização simploriamente é conhecida como o processo em que a criança aprende a ler e escrever, porém, respaldado em alguns autores, como Moraes (2005), Soares (2003), Leal (2004), entre outros, vemos que esse processo vai além. Entendemos a alfabetização como um complexo processo por meio do qual os alunos precisam refletir para se apropriar do Sistema de Escrita Alfabética de modo que atribuam significados e uso às palavras. Devido a sua complexidade, seu ensino e sua aprendizagem passam por muitos desafios e dificuldades. Diante disso, nesse trabalho, investigamos as dificuldades de ensino e aprendizagem na Alfabetização, relatadas por professoras da rede pública de ensino de Garanhuns/PE. Para isto, foram realizadas entrevistas com três professoras atuantes no ciclo de Alfabetização. Dentre as dificuldades relatadas, destacamos a falta de parceria entre a família e escola, atrapalhando o ensino e a aprendizagem relativa à alfabetização. Além disso, analisamos as ações que, de acordo com as professoras, são realizadas para superar as dificuldades citadas, dentre as quais estão o apoio de outra pessoa na sala de aula, atividades diversificadas e o reforço no contra turno. Isto posto, este trabalho nos leva a refletir sobre a atuação do professor alfabetizador, mediante aos percalços existentes em cada sala de aula e chama a atenção para a necessidade do professor enxergar também as suas dificuldades de ensino e poder contar com apoio de todos os envolvidos no processo de Alfabetização para contorná-las.

Palavras-Chave Alfabetização. Dificuldades. Professor.

1. INTRODUÇÃO

Quando falamos em educação escolar, um dos primeiros passos essenciais é a Alfabetização, na qual os alunos se apropriam do Sistema de Escrita Alfabética e aprendem a ler e escrever com autonomia. Contudo, esse processo de alfabetização nem sempre acontece com sucesso. Ainda é notório, em algumas escolas, um grande número de alunos retidos nos anos iniciais do ensino fundamental por não alcançarem os objetivos necessários ao processo. A alfabetização na idade certa virou um grande desafio.

Durante algumas vivências no Programa Institucional de Bolsa Iniciação à Docência (PIBID¹), foi percebido, de maneira informal e através de observações de atividades realizadas nas salas de aula, que muitos alunos não estavam alfabetizados, pois demonstravam dificuldades em realizar atividades individuais, em fazer leituras e, em alguns casos, em escrever seu próprio nome, necessitando de ajuda da docente da sala ou de uma ficha como apoio visual para realizar a cópia. Muitos desses alunos encontravam-se retidos no 3º ano há

¹ Durante os anos de 2015 a 2017 fui bolsista CAPES no Programa Institucional de Bolsa Iniciação à Docência. Com base nas experiências vivenciadas neste programa, são citadas as afirmações a seguir.

mais de um ano e não foi percebida nenhuma ação de caráter pedagógico que pudesse possibilitar a eles a superação das dificuldades supracitadas. Diante das observações desses acontecimentos, surgiu o interesse de aprofundar e pesquisar sobre as situações ocorridas.

Isto posto, esta pesquisa levanta a seguinte questão: o que acontece no decorrer do ciclo de alfabetização que faz com que os alunos cheguem com tantas dificuldades no 3º ano? A partir desse questionamento apontado, pensando sobre a temática e diante da devida importância que devemos dar ao processo de alfabetização, este artigo visa “investigar as dificuldades de ensino e aprendizagem na alfabetização, relatadas por professoras da rede pública de ensino de Garanhuns”. E, como objetivos específicos: a) Compreender as dificuldades de ensino na alfabetização explicitadas pelas professoras; b) Identificar as dificuldades de aprendizagem na alfabetização vivenciadas pelos alunos sob o olhar das professoras; c) Analisar o que tem sido feito para superar essas dificuldades. Para obtenção dos dados, foram realizadas entrevistas com três professoras do Ensino Fundamental, respectivamente do 1º ao 3º ano da rede pública de ensino de Garanhuns.

Embora as dificuldades na alfabetização já façam parte de um discurso desgastado, é por meio de outro ângulo que pretendemos tratar o assunto no decorrer deste trabalho. Trazemos essa pesquisa como um estudo a cerca do trabalho do professor, como ele dedica-se ao ato de ensinar, sabendo das inúmeras dificuldades que são enfrentadas diariamente para que a alfabetização ocorra de maneira eficaz.

Dessa forma estruturamos esse trabalho da seguinte maneira: na primeira seção, abordamos sobre o processo de alfabetização e ensino, trazendo as perspectivas de alguns autores sobre o tema. Na segunda seção, discutimos sobre a organização do trabalho do professor, seu planejamento, sua rotina e seus recursos didáticos, objetivando entender a importância dessa organização na Alfabetização. Seguimos com a metodologia, apresentamos as etapas da pesquisa, bem como todo o percurso metodológico utilizado para obtenção e análise dos dados. Na análise, apresentaremos e discutiremos os resultados alcançados e, por fim, teceremos algumas considerações finais.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 ALFABETIZAÇÃO E ENSINO

Tradicionalmente, a Alfabetização é conhecida como a aprendizagem de um código e que, por isso, acredita-se que, para um sujeito ser alfabetizado, é necessário apenas saber decodificá-lo. Dessa forma, para que os alunos aprendam a ler e escrever bastaria diferenciar uma letra da outra, copiá-las e memorizar os sons que elas representam. Não obstante, também é considerado que quanto mais isso for feito, maior será o sucesso na Alfabetização.

Lamentavelmente, essa prática de Alfabetização ainda é existente em muitas de nossas escolas, podendo até ser responsável por parte do fracasso escolar no ciclo da Alfabetização. Evidenciamos que este não deve ser considerado o único fator. Entretanto, por ser um método mecanizado, dificulta a aprendizagem, pois não considera a reflexão do sistema de escrita por parte dos alunos e não há articulação entre o que é ensinado e usos sociais da leitura e escrita.

Partimos de uma concepção de Alfabetização como apropriação de um sistema de escrita. Desse modo, entendemos que Alfabetização vai além de ensinar e aprender códigos, através do qual os alunos são incumbidos a memorizar os símbolos (letras do alfabeto), sobretudo porque devemos compreender que “nosso sistema de escrita não é um código, mas um sistema notacional” (MORAIS, 2005, p.31). Um sistema com uma série de princípios que, para ser apropriadamente compreendido, necessita de reflexão. Dessa forma, os alunos necessitam de auxílio dos seus educadores para que, através de práticas diferenciadas, possam descobrir, reconstruir e apropriarem-se desse sistema e, posteriormente, consigam ler e escrever com autonomia. A seguir, apresentaremos alguns dos princípios que devem ser trabalhados com os alunos para que haja a apropriação do Sistema de Escrita Alfabética (SEA) por parte deles e, conseqüentemente, a alfabetização. Para Leal (2004), os alunos primeiramente devem compreender que “[...] 6. A direção predominante da escrita é a horizontal. 7. O sentido predominante da escrita é da esquerda para direita” (LEAL, 2004, p. 2). Corroborando com o pensamento de Leal (2004), Moraes (2005, p. 42) aponta outros aspectos princípios, como:

- 1) que se escreve com letras, que as letras não podem ser inventadas, que para notar as palavras de uma língua existe um repertório finito (26, no caso do português); que letras, números e outros símbolos são diferentes;
- 2) que as letras têm formatos fixos (isto é, embora *p*, *q*, *b* e *d* tenham o mesmo formato, a posição não pode variar, senão a letra muda); mas, também que uma mesma letra tem formatos variados (*p* é também *P*, *p*, *P*, *p*, etc.), sem que elas, as letras, se confundam;
- 3) quais combinações de letras estão permitidas na língua (quais podem vir juntas) e que posição elas podem ocupar nas palavras (por exemplo, *Q* vem sempre junto de *U* e não existe palavra terminando com *QU* em português);
- 4) que as letras têm valores sonoros fixos, convencionalizados, mas várias letras têm mais de um valor sonoro (a letra *O* vale por /ó/, /õ/, /ô/ e /u/, por

exemplo) e, por outro lado, alguns sons são notados por letras diferentes (o som /s/ em português se escreve com S, C, SS,Ç, X, Z, SC, SÇ, etc)

Ressalta-se que alguns desses princípios podem ser considerados irrelevantes para aqueles que já têm certo domínio na leitura e escrita, porém são imprescindíveis para aqueles que estão iniciando o processo de Alfabetização. O aprendizado deve ser entendido como uma construção de conhecimento, etapas que se vão avançando. Entretanto, como seres diferentes uns dos outros, são normais as divergências de pensamentos e cada aluno tem um determinado tempo para consolidar a aprendizagem. Ferreiro e Teberosky (1985) apresentam em sua pesquisa a apropriação da língua escrita e retratam os alunos como formuladores de hipóteses sobre o sistema de escrita alfabética. As autoras evidenciam o caminho que esses percorrem no aprendizado da língua, definido por elas de “Psicogênese”. A Psicogênese da Língua escrita pode ser compreendida, brevemente, como um processo durante o qual toda criança inserida no processo de alfabetização constrói e reconstrói hipóteses sobre o sistema de escrita.

Para construção e reconstrução dessas hipóteses, as crianças percorrem caminhos e passam por níveis estruturais da escrita. São eles: a) O primeiro é o Nível Pré-silábico, onde o alfabetizando, no início, escreve com desenhos ou garatujas; depois passa a conhecer algumas letras do alfabeto, porém não faz nenhuma relação sonora entre a fala e a escrita e, por isso, utiliza as letras aleatoriamente; em seguida, tem um início tímido da fonetização, colocando a letra inicial ou final da palavra; b) A próxima etapa é o Nível Silábico, que divide-se em escrita silábica e escrita silábica-alfabética; em um primeiro momento, a criança escreve uma letra para cada sílaba, mas sem atribuir valor sonoro correspondente (escrita silábica de quantidade); depois passa a escrever uma letra para cada sílaba com valor sonoro, às vezes, pode escrever somente as vogais, outras somente consoantes, deste modo concluindo a escrita silábica (escrita silábica de qualidade); já na escrita silábica-alfabética, o alfabetizando apresenta em algumas palavras sílabas completas e em outras incompletas, estando, assim, numa fase de transição entre o Nível Silábico e o Nível Alfabético; c) Por fim, no Nível Alfabético, o alfabetizando compreende que cada fonema corresponde a um grafema e, assim, ele atinge a compreensão de que as letras se articulam para formar palavras, porém escreve como fala, não enxergando as questões ortográficas. (FREIRE, 2003)

Sendo assim, a Psicogênese da língua escrita descreve como os alunos compreendem o funcionamento do nosso sistema alfabético, contribuindo para o processo de alfabetização. Contudo, entendemos que o processo de Alfabetização é mais amplo, pois compreende

também a apropriação de habilidades de leitura e produção de textos, ou seja, o uso do sistema que foi aprendido. Assim, Galvão e Leal (2005, p. 14) reiteram:

[...] a alfabetização é um processo de construção de hipóteses sobre o funcionamento do sistema alfabético de escrita. Para aprender a ler e a escrever, o aluno precisa participar de situações que o desafiem, que coloquem a necessidade da reflexão sobre a língua, que o leve enfim a transformar informações em conhecimento próprio. É utilizando-se de textos reais, tais como listas, poemas, bilhetes, receitas, contos, piadas, entre outros gêneros, que os alunos podem aprender muito sobre a escrita.

Esta afirmação de Galvão e Leal diz respeito à perspectiva do Alfabetizar-letorando. Que discutido por Soares (2003), estes são processos interdependentes e indissociáveis, pois a entrada do educando no mundo da escrita ocorre simultaneamente por dois processos: pela aquisição do sistema de escrita alfabética, o que a autora chama de Alfabetização, e pelo desenvolvimento e uso dessas habilidades em práticas sociais que envolvam a língua escrita, o que a autora define como Letramento.

Diante das reflexões acima, entende-se que não basta à criança saber ler e escrever palavras. Para além disto, é necessário que ela reflita sobre o que está lendo e escrevendo, indo além do sistema gráfico e fonológico e atribuindo significados e usos a cada palavra. Para tanto, devem estar inseridas em práticas diferenciadas de leitura e escrita, através de um trabalho sistemático que possibilite o uso desses dois processos de maneira simultânea e indissociável para que assim consiga alcançar efetivamente a Alfabetização. Esclarecemos que Alfabetizar-letorando não é um método, é uma perspectiva de ensino, para a qual não existe passo a passo, mas entende-se que o ensino do código alfabético deve ser conciliado com o seu uso social em diferentes ocasiões.

2.2 O PAPEL DO PLANEJAMENTO E DOS RECURSOS DIDÁTICOS NA ORGANIZAÇÃO DA ROTINA PEDAGÓGICA DO DOCENTE NA ALFABETIZAÇÃO

Para auxiliar o trabalho do professor, é relevante que ele tenha uma rotina a seguir e um planejamento, os quais servirão para facilitar a sua prática, bem como alcançar os objetivos de aprendizagens que tem para seus alunos. Entendemos que uma rotina de atividades se torna necessária também para os educandos que se encontram no ciclo de alfabetização, pois proporciona às crianças noções de tempo e de responsabilidades.

O cotidiano e o planejamento das aulas desse professor, propostos por Leal (2007, p. 74), necessitam ser centrados “[...] na apropriação do sistema alfabético e na capacidade de

produção e de compreensão de diversos gêneros orais e escritos, levando os alunos a atentar para as diferentes finalidades que orientam nossas atividades de leitura, escuta, fala e escrita”. Nessa concepção, o professor deve realizar, todos os dias, atividades que trabalhem os princípios do Sistema de Escrita Alfabética, de acordo com nível dos seus alunos, de modo a ajudá-los a avançar nas hipóteses da escrita. Também é interessante que o ensino do sistema de escrita aconteça em meio a práticas de leitura e produção de modo que estas sejam oportunidades para o professor levar os alunos a refletirem sobre a língua.

Também é necessária a organização do tempo pedagógico na escola. Sabe-se que conciliar o ensino da escrita alfabética ao ensino de produção e compreensão de textos para alunos que ainda não estão alfabetizados não é tarefa nada fácil. Por isso, a necessidade do professor conhecer seu aluno para conseguir determinar quais objetivos ele precisa alcançar e desenvolver essas estratégias durante o tempo que se tem em sala de aula. Mais uma vez, enfatizamos a importância do seu planejamento, pois, através da atividade de planejar, o professor pode refletir sobre suas decisões, considerar as habilidades e conhecimentos prévios dos alunos e proporcionar uma aula melhor, prevendo as dificuldades de cada aluno e organizando o tempo de modo mais sistemático (LEAL, 2007).

Dessa forma, a rotina desse professor deve diversificar seu planejamento. Pensando sobre uma melhor organização dessas atividades didáticas, Leal (2007) fez algumas classificações baseadas em situações de sala de aula que conseguiu observar durante pesquisas realizadas por ela. São elas: atividades permanentes, projetos didáticos, atividades sequenciais, atividades esporádicas e jogos.

As *atividades permanentes* são aquelas que acontecem com bastante frequência, em um pequeno intervalo de tempo. Elas devem envolver o trabalho com o sistema de escrita, mas também de leituras diárias de poemas, histórias em quadrinhos, parlendas, entre outros. Tais atividades tornam-se interessantes que realmente aconteçam todos os dias, visto que o contato com a leitura amplia o repertório de palavras das crianças, assim como familiarizam-se com a linguagem escrita de diversos gêneros, aprendem sobre a direção da escrita e sobre a existência de outros sinais gráficos diferentes das letras como os sinais de pontuação.

Os *projetos didáticos* são atividades pedagógicas que demandam tempo para serem realizadas. Eles acontecem com efetiva participação dos alunos, junto com a mediação do professor, e geralmente são relacionados a temas sobre os quais os alunos querem descobrir algo ou que têm grande relevância para a comunidade escolar, além de proporcionar a interdisciplinaridade. O uso da língua portuguesa (oral e escrita) está presente em todas as etapas de um projeto, por exemplo, na busca de informações e nos registros. O projeto

didático também possibilita realizar atividades diversificadas através de etapas a serem seguidas para solucionar uma pergunta inicial e gerar um produto final o qual pode ser compartilhado depois com todos da escola, através de exposições ou apresentações culturais.

Nas *atividades sequenciais*, os professores buscam a cada aula retomar e seguir assuntos da aula anterior. Elas podem partir de um gênero textual, de um livro de histórias, de um texto ou de uma temática. “As atividades sequenciais são boas por conduzirem os alunos a compreender determinado conceito, ou regra, ou mesmo a desenvolver procedimentos, em diversas situações, apreendendo diferentes facetas desse saber em construção” (LEAL, 2007, p.86). Nessa forma de organização, os alunos têm a chance de ir construindo, no seu tempo, determinados conceitos, o que facilita o aprendizado de todos.

As *atividades esporádicas* são aquelas que não têm articulação com aulas anteriores. São realizadas para alcançar algum objetivo que não ficou muito esclarecido ou intensificar a aprendizagem de algo já vivenciado. Já os *jogos* na escola têm outras finalidades: além de proporcionar prazer e alegria, tornam-se instrumentos de incentivo e facilitação da aprendizagem. Contudo, a aula não pode utilizar o jogo pelo jogo, pois é necessário que o professor atue com mediação, sendo um questionador que irá enriquecer este instrumento.

Buscando colaborar com o planejamento dos professores e todas essas possibilidades de atividades na escola, torna-se interessante que estes possuam um material didático adequado para cada ano escolar, os quais estejam de acordo com o que os alunos necessitam aprender e que sejam recursos que auxiliem o avanço das hipóteses de escritas e de compreensões necessárias à aprendizagem de cada aluno que compõe a turma.

Um dos recursos mais comuns e acessíveis aos professores são os livros, que tanto podem ser os didáticos, com conteúdos e atividades, como as obras complementares, as quais são comumente usadas nas leituras em sala de aula feita pelos professores ou pelos alunos. Assim, os livros didáticos podem tornar-se um grande apoio para a prática dos professores. Contudo, também podem tornar-se um bloqueio, isto é, um obstáculo para essa prática, pois os professores podem utilizá-los como suporte para seus planejamentos, na intenção de atender às necessidades da turma (utilizando textos, imagens, atividades) ou apenas ficarem presos às sequências de atividades propostas pelo livro. Entendemos, assim, que os livros devem ser um dos recursos pedagógicos e não o único.

Logo, a importância dos jogos, dos livros ou de qualquer outro recurso didático está dentro do planejamento dos professores para que haja diversidade em sua prática, contribuindo para o interesse e aprendizagem dos alunos. Destacamos os jogos e os livros aqui como recursos didáticos por serem esses mais comuns nas escolas. Contudo, quando se

fala sobre alfabetização, os professores também poderão utilizar outros recursos que auxiliem a diversificar as possibilidades de ensino-aprendizagem dos alunos como, por exemplo, os cartazes, os quais os professores podem utilizar para expor diferentes gêneros textuais, como cantigas, receitas e listas. Outro recurso é o alfabeto móvel, que são as letras separadas e embaralhadas, que podem até serem confeccionadas pelos professores para que os alunos formem palavras ou frases.

Como visto, muitas podem ser as estratégias de organização da rotina dos professores. Todavia, esses devem ficar atentos para a necessidade da sua turma, tentando investigar qual dessas formas de organização será a de melhor relevância para os objetivos que se pretendem alcançar e qual poderá alcançar a maior parte da turma, visto que nem sempre os alunos se encontram com o mesmo nível de aprendizagem. De acordo com Leal (2005, p. 91), “podemos elencar como uma das mais relevantes e difíceis [tarefas] a de identificar as necessidades de cada aluno e atuar com todos ao mesmo tempo”. Assim, entendemos que o trabalho do professor inicia-se com planejamento, deve ser bem pensado, pois uma boa escolha dos recursos didáticos favorecerá não apenas o seu trabalho, mas principalmente a aprendizagem de seus alunos.

2.3 METAS DE ENSINO APRENDIZAGEM DENTRO DO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO: LIDANDO COLETIVAMENTE COM A HETEROGENEIDADE DA TURMA

De acordo com o Plano Nacional de Educação-2011/2020 (BRASIL, 2011), uma das metas propostas para a educação é alfabetizar as crianças até no máximo oito anos de idade, ou seja, de acordo com o Ensino Fundamental de nove anos, as escolas têm até o 3º ano para que seus alunos sejam alfabetizados. Já a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2017) espera que as escolas foquem o processo de alfabetização dos alunos durante o 1º e 2º ano do Ensino Fundamental.

Atualmente é percebida certa apreensão dos professores em relação a em que ano do Ensino Fundamental os seus alunos devem estar devidamente alfabetizados. Na realidade, as escolas ainda estão se adaptando ao recente documento (BNCC), promulgado no final do ano 2017. Contudo, torna-se mais relevante focarmos no processo que ocorre para se chegar à consolidação da alfabetização, bem como em saber exatamente o que a cada ano os alunos precisam aprender.

Nessa concepção, é importante que o professor, ao iniciar o ano letivo e periodicamente no decorrer deste, faça uma avaliação diagnóstica da turma para identificar os conhecimentos dos alunos em relação ao Sistema de Escrita Alfabética, pois a partir desta o professor conseguirá fazer intervenções diferenciadas de um modo a contemplar a heterogeneidade de toda a turma. Da mesma forma, Albuquerque (2012, p. 29) corrobora:

[...] é fundamental que os sistemas de ensino (seriados ou ciclados) estabeleçam o que deve ser ensinado em cada ano escolar e construam estratégias didáticas para que os estudantes progridam em seus conhecimentos, respeitando-se a heterogeneidade do grupo. É necessário pensar também em formas de acompanhamento daqueles que não alcançaram as metas pretendidas para o ano e que vão prosseguir em seus estudos, de modo a garantir que não sejam excluídos do grupo.

Quando o professor sabe o que seus alunos devem aprender naquele respectivo ano, seu trabalho não se perde no tempo. Dessa maneira, saber o que deve ensinar e como deve ser ensinado se tornam passos importantes para o sucesso da alfabetização dos seus alunos e respectivamente seu como professor.

Os currículos para os anos iniciais propõem vários objetos de ensino para a Língua Portuguesa, como leitura, produção de textos escritos, oralidade e análise linguística. E, dentro desses eixos, são estabelecidos direitos de aprendizagens que podem ser iniciados em um ano, aprofundados no ano seguinte e posteriormente haver a sua consolidação. Pode acontecer, ainda, a consolidação de determinado direito de aprendizagem no mesmo ano em que foi introduzido e outros podem levar mais de um ano para serem consolidados. O interessante é que os professores tenham conhecimento desses direitos para que possam elaborar situações didáticas que auxiliem na construção de conhecimentos dos seus alunos, sabendo lidar com as possíveis heterogeneidades de cada sala de aula.

Uma forma de desempenhar um bom trabalho relacionado à alfabetização com uma turma heterogênea é através da diversificação de atividades, buscando contemplar a todos. A esse respeito, Leal, Cruz e Albuquerque (2012, p. 8) afirmam que “[...] os diferentes saberes podem ser construídos por meio de atividades também diferentes. Assim, podemos defender a necessidade de variação de atividades, mesmo considerando um mesmo objeto de ensino: o sistema alfabético”. Esse tipo de organização auxilia o trabalho do professor, pois alguns alunos podem ir realizando atividades com mais autonomia, enquanto o professor auxilia aqueles alunos com maiores dificuldades. É importante destacar que apenas a diversificação de aprendizagem não garante o sucesso na alfabetização, uma vez que a aprendizagem dos

alunos também está ligada a outros fatores que vão além da sala de aula e que vão além do trabalho realizado pelo professor.

Isto posto, o trabalho do professor não deve ser solitário: ele precisa contar com a colaboração de todos os atuantes da escola e da família desses alunos. Essa parceria é importante, sobretudo nas turmas de alfabetização onde existem alunos com dificuldades. De acordo com Morais e Leite (2012, p.34), “[...] nas escolas onde gestores e coordenadores pedagógicos se envolvem, efetivamente, com o atendimento aos alunos com dificuldades de aprendizagem, as chances de sucesso tendem a ser bem maiores, por razões previsíveis”. Nesse diálogo entre professores e coordenadores, pode acontecer a definição de metas para cada ano escolar do ciclo, a busca por entender as necessidades e os objetivos de cada turma, assim como a reflexão sobre onde os professores podem “se complementar”, percebendo seus erros e os seus acertos. As redes de ensino também devem ser parceiras através de projetos adicionais que busquem somar ao trabalho do professor e contribuir para a alfabetização dos alunos com dificuldades. E, por fim, a família, que deve ser orientada pela escola para colaborar com o processo de alfabetização, se envolvendo junto com os alunos. A esse respeito, ressalta-se que não se trata apenas de informar às famílias das situações dos alunos, mas sim criar estratégias para que as participações sejam coletivas e que alunos e famílias caminhem juntos para que tudo isso se converta em estímulos e não em cobranças.

3. METODOLOGIA EMPREGADA NESTA PESQUISA

Para o alcance dos objetivos visados para este estudo, nos propomos a realizar uma pesquisa de campo que, segundo Mattar (1996, p.16), tem como finalidade “aprofundar o conhecimento do pesquisador sobre o assunto estudado”. Fomos a campo investigar algumas dificuldades relatadas por professoras sobre o processo de alfabetização.

Quanto à sua natureza, o que se adotou nesta pesquisa foi a natureza qualitativa, pois responde a questões particulares, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado, trabalhando com o universo dos significados, dos motivos, das crenças, dos valores e das atitudes (MINAYO, 2011). Dessa forma, buscou-se compreender os professores, diante das situações vivenciadas por eles, sobre o seu pensar e seu agir frente à realidade vivida.

Sobre os sujeitos da pesquisa, esses tinham como critério fundamental serem professores atuantes no ciclo de alfabetização. Dessa forma, foram escolhidas três professoras, respectivamente do 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental, de uma escola da Rede

Municipal de Garanhuns-PE, pois estas diariamente encontram-se em contato com crianças que estão sendo alfabetizadas. A seguir, apresentamos a caracterização das professoras participantes da pesquisa:

Tabela 1: Caracterização das professoras

	Idade	Formação docente	Tempo de ensino	Tempo de ensino no ciclo de alfabetização	Rede de ensino	Séries em que dá aula este ano
Professora 1	48 anos	Magistério, Licenciatura em Pedagogia e Especialização em Psicopedagogia	30 anos	10 anos	Municipal de Garanhuns	1º ano do Ensino Fundamental
Professora 2	43 anos	Magistério, Licenciada em História, Especialização em História	25 anos	20 anos	Municipal de Garanhuns e Municipal de Palmeirina	2º ano do Ensino Fundamental
Professora 3	40 anos	Magistério, Licenciada em História, Especialização em História	16 anos	2 anos	Municipal de Garanhuns	3º ano do Ensino Fundamental

Fonte: A autora, 2018.

Para realizar o presente estudo, recorreu-se à entrevista semiestruturada, na qual “o entrevistador tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada. É uma forma de poder explorar mais amplamente uma questão. Em geral, as perguntas são abertas e podem ser respondidas dentro de uma conversação informal” (MARCONI e LAKATOS, 2003, p. 197). Foi seguido um roteiro no qual categorizamos as perguntas sobre: Formação das professoras, práticas pedagógicas e, por fim, as dificuldades de ensino e aprendizagens vivenciadas por elas (*vide* Apêndice 1). No entanto, no decorrer das entrevistas, surgiram novas indagações e não hesitamos em fazê-las.

A realização das entrevistas semiestruturadas aconteceu no final do mês de setembro de 2018, em uma escola municipal de Garanhuns. Durante à tarde do dia nove de outubro, a escola nos cedeu uma sala, então, de forma tranquila, realizamos as entrevistas com as

professoras. Foi seguido um mesmo roteiro de perguntas para as três professoras participantes, mas as entrevistas aconteceram de maneira individual entre pesquisadora e cada uma das sujeitas. As entrevistas foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas para serem analisadas.

As entrevistas serão analisadas através do método de Análise do Conteúdo de Bardin (1977), conceituando que “a análise de conteúdo aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (BARDIN, 1977 p. 38). Apoiando-se nessa perspectiva, analisamos e comparamos as respostas das professoras, buscando semelhanças entre elas, para criarmos categorias explicativas que respondam os objetivos almejados.

A seguir, vamos apresentar e discutir os resultados a que chegamos.

4. ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 CONHECENDO UM POUCO DAS PRÁTICAS DAS PROFESSORAS ENTREVISTADAS

A alfabetização é um importante processo na vida das crianças. Ao entrarem no Ensino Fundamental, terão oportunidade de expandir seus conhecimentos a respeito do Sistema de Escrita Alfabética (SEA) para que, em consequência disso, sejam capazes de desenvolver habilidades de leitura e escrita, bem como compreender e fazer uso da língua de forma autônoma em diversas práticas sociais. Diante desse contexto, apresentaremos a seguir o que dizem as professoras pesquisadas sobre suas práticas, revelando suas concepções sobre alfabetização, as estratégias utilizadas por elas para alfabetizar, o tempo utilizado em sala de aula destinado à alfabetização e o que elas esperam que seus alunos alcancem em relação à alfabetização no ano em que atuam.

Sobre as *concepções de alfabetização*, as professoras apresentam opiniões diferentes. A professora 1² acredita que alfabetizar “é proporcionar à criança desenvolver a capacidade de usar a língua e a escrita [...]”. Já a professora 2 disse que “Alfabetizar é um processo, eu digo que seja mágico”. Por fim, a professora 3 falou que “Alfabetizar é uma tarefa, tão difícil, porque o aluno, a gente tem que ver né, se o aluno está letrado, se o aluno só está

² Nos apêndices 2, 3 e 4 o leitor pode encontrar todas as respostas dadas pelas três professoras na íntegra, de acordo com a pergunta feita.

alfabetizado”. Além de diferentes, não existem relações entre suas falas, cada sujeita se expressa de maneira pessoal.

Quando falamos em *práticas de alfabetização em sala de aula*, duas professoras (professora 1 e professora 2) se aproximaram, pois buscaram trabalhar de forma diversificada, utilizando-se de vários recursos e estratégias, tais como recortes de jornais, bingo das letras, livros, obras complementares, fantoches, etc. Já a professora 3 disse: “Eu prefiro trabalhar da forma tradicional, daquela questão de ir seguindo o alfabeto, depois vêm as questões das sílaba[...]”.

Relacionado ao *tempo de atividades direcionadas à Alfabetização*, as professoras também realizam de acordo com suas concepções, conforme sentem a necessidade da turma. Apenas umas das professoras (professora 1) desempenha o trabalho com o SEA todos os dias. Revelamos um trecho de sua fala para comprovar essa constatação: “[...] sempre dando ênfase e prioridade à leitura e à escrita. Todos os dias nós trabalhamos a Língua Portuguesa no primeiro horário [...]”. A esse respeito, relembramos sobre a importância do professor ter uma rotina de trabalho e nessa contemplar leitura e escrita todos os dias.

Por fim, em relação ao *que elas esperam que seus alunos consolidem de aprendizado em relação à Alfabetização* no ano escolar em que atuam, a professora 1 (do 1º ano) disse: “[...] faça o uso da escrita e da leitura de forma interpretativa, que ele entenda e compreenda o que ele leu, não é?!”. Já a professora 2 (do 2º ano) disse: “[...] oralidade, da escrita, da interação conteúdo/prática [...] a leitura, escrita, a socialização”. E, por fim, a professora 3 (do 3º ano) respondeu: “[...] ele tem que conhecer as sílabas, tem que conhecer... Tem que saber fazer o nome [...] e assim fazer a leitura pelo menos de textos simples, né, pequenos textos”. Percebemos que todas contemplam a leitura e escrita como uma das metas, além de outros aspectos, contudo, não percebemos entre elas uma forma de continuidade do trabalho da outra, bem como não são percebidas metas específicas para cada ano.

4.2 DIFICULDADES DE ENSINO E APRENDIZAGEM EXPLICITADAS PELAS PROFESSORAS

Através das entrevistas realizadas, conseguimos identificar pelo menos oito dificuldades que são vivenciadas pelas professoras no processo de Alfabetização. Essas dificuldades apontadas pelas professoras estão correlacionadas ao ato de ensinar e de aprender. Foram elas: *falta de acompanhamento da família; transição da letra bastão para a letra cursiva; o primeiro contato de alguns alunos na escola; leitura; não conhecimento*

básico das sílabas; pouco tempo em sala de aula para acompanhar os alunos; crianças deficientes; e falta de interesse dos alunos.

A dificuldade mais recorrente entre as três professoras foi relacionada à *falta de acompanhamento familiar* na vida educacional dos alunos. Durante as entrevistas, essa dificuldade apareceu nove vezes. Vejamos uma das falas: “[...] E assim, alfabetizar para mim, pense num desafio, principalmente quando a gente não encontra o apoio da família” (PROFESSORA 3). O diálogo entre essas duas instituições – escola e família – é necessário, pois deve haver uma parceria e não apenas transferência de responsabilidades: a família deixa a educação dos filhos a cargo da escola e a escola aponta como maior dificuldade de ensino a falta de interação com a família.

De certo, sabe-se que quanto mais a família participa efetivamente da vida escolar dos seus filhos, maiores serão os avanços na aprendizagem. Contudo, a escola e principalmente os alunos não devem ficar reféns dessa circunstância. Uma vez inseridos na escola, os alunos devem ter o direito de aprendizagem garantido. Caso não haja essa parceria extraescolar, a escola poderá criar estratégias que supram essa falta e, assim, facilite a aprendizagem do aluno e o trabalho do professor. De acordo com Moraes e Leite (2012), nas escolas onde existem alunos com dificuldades de aprendizagem, se houver um envolvimento efetivo de todos os atores da escola, as chances de sucesso na aprendizagem aumentam.

Outra dificuldade apontada foi sobre *ser o primeiro ano de algumas crianças na escola*, por nunca terem tido contato com uma instituição de ensino. A esse respeito, foi dito: “[...] muitos nunca tiveram contato em sala de aula, eles nunca estudaram, é a primeira vez [...]” (PROFESSORA 1). A professora reconhece a importância da Educação Infantil e a falta que faz nas crianças que não tiveram essa oportunidade, pois é nesta fase que as crianças começam a desenvolver suas habilidades com mais veemência. Para isso, precisam ser estimuladas em aspectos sensoriais e lúdicos, despertando a imaginação, a oralidade e a curiosidade. Conjuntamente, é interessante que, nesses estímulos, sejam incluídos instrumentos que apresentem escritas de algumas palavras, mesmo que de maneira simples, como o próprio nome da criança e de seus colegas. Devemos considerar que a Educação Infantil não é a fase das crianças serem alfabetizadas, mas, ao estarem inseridas em práticas de leitura e escrita, elas iniciarão a apropriação de alguns princípios do SEA, o que, com certeza, facilitará o seu ingresso no ciclo de alfabetização.

Essa dificuldade supracitada vincula-se a outra explicitada pelas professoras, relacionada à *transição da letra bastão para a cursiva*. Essa última foi citada duas vezes pela professora do 1º ano. Sobre isto, ela nos disse: “A escrita, é complicado em relação à

passagem da letra bastão para cursiva [...]” e “[...] então, tudo é novo para eles, a forma de tirar do quadro, a forma da letra, que nós já trabalhamos a letra cursiva e no infantil é bastão” (PROFESSORA 1). Talvez, por lhe competir auxiliar os alunos nessa fase, estas sejam dificuldades bastante evidenciadas por essa professora.

Essas dificuldades explicitadas pela professora fazem parte da maioria das salas de 1º ano do Ensino Fundamental. Então, professores que exercem sua função nesse ano escolar já poderiam estar habituados a essas situações, pois estas fazem parte do processo e são bem frequentes. Contrariamente, esta situação poderia tornar-se o ponto de partida para o trabalho do professor com essa turma, visto que, diante desse cenário, as crianças inicialmente necessitam apropriar-se do SEA. Considerando Morais (2005) e Leal (2004), é irrelevante obrigá-las a escrever com letras cursivas, uma vez que isso não causaria nenhuma reflexão sobre o SEA. Dessa forma, não estaria ajudando no processo de Alfabetização, no qual os alunos, através de seus educadores, necessitam de auxílio para primeiramente descobrir, reconstruir e apropriarem-se desse sistema e, posteriormente, conseguir ler e escrever com autonomia, consolidando a alfabetização.

A *leitura* também foi uma das dificuldades apontadas por uma das professoras. A esse respeito ela nos disse: “A leitura, a escrita ela é... Eu não sei, como é interessante, mas a leitura ela é... que ele tem mais dificuldade” (PROFESSORA 3). Nessa fala, a professora conta que as dificuldades dos seus alunos estão relacionadas à leitura, entendendo-se que eles conseguem escrever, mas não conseguem ler. Supostamente, ao conseguirem tirar palavras do quadro, a professora considera que eles sabem escrever, porém não conseguem ler atribuindo sentido ao que leem. Dessa maneira, entendemos que esses alunos possivelmente passaram por um processo de alfabetização mais mecanizado, centrado na cópia e sem muito espaço para reflexão do SEA, o que pode ter dificultado a aprendizagem da leitura e limitado o aprendizado da escrita.

Recapitulando o pensamento de Galvão e Leal (2005), para aprender a ler e escrever os alunos precisam estar inseridos em situações que os desafiem e que os coloquem a necessidade de reflexão sobre a língua. A alfabetização é um processo de construção de hipóteses sobre o funcionamento do Sistema Alfabético de Escrita. Dessa forma, entendemos que o aprender a ler e o aprender a escrever devem acontecer de forma simultânea. Para isso, os alunos devem estar inseridos em práticas diferenciadas de leitura e escrita de modo que aprendam os diversos usos da nossa língua e saibam utilizá-los em seu dia a dia. Ao apropriar-se do SEA, das habilidades de leitura e de produção de textos e fazer usos sociais desse sistema, podemos, finalmente, dizer que esse aluno está alfabetizado.

Quando os alunos não se apropriam dos princípios básicos do SEA, a tendência é que suas dificuldades se perpetuem ao longo do ciclo de alfabetização, pois, ao não compreender o básico, encontrarão muitas dificuldades para avançar nas suas hipóteses. Uma das dificuldades, citadas pelas professoras, foi *a falta de conhecimento das sílabas*. Salientamos que o professor não deve esperar que seus alunos já dominem parte da escrita para poder ensinar, pois cabe a ele identificar a dificuldade da criança e ajudá-la a superar. A esse respeito, vejamos o que diz uma das professoras: “A questão do conhecimento mesmo, assim, do básico, das sílabas mesmo” (PROFESSORA 3). Essa é uma dificuldade de uma turma de 3º ano do Ensino Fundamental, na qual os alunos dessa turma já deveriam estar concluindo o seu processo de Alfabetização.

Como sabemos, muitos são os fatores que contribuem para que algumas crianças cheguem a determinado ano escolar sem estarem alfabetizadas e nenhum deles pode passar despercebido. Para tentar solucionar essa situação, primeiramente deve-se compreender o que essa criança sabe sobre o SEA através de uma diagnose. Para isso, podemos fazer uso da Teoria da Psicogênese (FERREIRO e TEBEROSKY, 1985), a qual retrata os alunos como formuladores de hipóteses sobre o Sistema de Escrita Alfabética, evidenciando o caminho que eles percorrem no aprendizado da língua e acreditando que toda criança inserida no processo de alfabetização constrói e reconstrói hipóteses sobre o sistema de escrita e seu uso.

Para construção e reconstrução dessas hipóteses, as crianças percorrem caminhos e passam por níveis estruturais da escrita mesmo antes de saber ler e escrever. O professor alfabetizador saber diagnosticar em qual nível de escrita o seu aluno se encontra é um importante passo, pois conseguirá direcionar de maneira mais adequada suas aulas e atividades, fazendo com que os alunos avancem nas suas hipóteses de escrita e proporcionando-lhes oportunidades de refletir sobre o que ainda não conseguem fazer. Esse diagnóstico também facilitará o seu trabalho, tornando-o mais objetivo.

Dessa forma, entendemos a diagnose como um dos recursos que podem auxiliar as professoras com o *pouco tempo em sala de aula*, outra dificuldade de ensino explicitada por uma das professoras sujeitas da pesquisa. Sobre isso foi dito: “[...] nós, na sala de aula, temos pouco tempo para todos os alunos, nos dedicamos individualmente como é em casa, que o pai só tem um filho para acompanhar a atividade” (PROFESSORA 1). Percebemos, através da fala dessa professora, que sua turma pode ser heterogênea, com diferentes níveis de aprendizagens entre os alunos, o que é bastante comum, porém, fica subtendido que o tempo que ela tem em sala de aula não é suficiente para lidar com essa heterogeneidade.

A esse respeito, recordamos o pensamento de Leal (2007) sobre a importância da organização do tempo na escola em concomitância com o planejamento. Isto porque, através do planejamento, o professor pode pensar melhor sobre sua prática e sobre suas estratégias de ensino e, sabendo de antemão as dificuldades específicas de cada aluno, obtida através das diagnoses, poderá organizar o tempo de suas aulas de modo mais sistemático para contemplar todos. Uma das maneiras de contemplar todos os alunos numa turma heterogênea é através das atividades diversificadas. Como dito por Leal, Cruz e Albuquerque (2012), os diferentes saberes podem ser construídos por meio de atividades também diferentes. Porém, ressaltamos, mais uma vez, que apenas a diversificação de atividades não garante o sucesso na alfabetização, pois a aprendizagem dos alunos também está ligada a outros fatores que vão além da sala de aula, como alguns já considerados nessa pesquisa.

Outra dificuldade apontada pelas professoras foi o fato de *alguns alunos terem alguma deficiência*. Sobre isso, a professora comenta: “[...] como no caso eu trabalho aqui com alunos especiais ou com deficiências e... vai ser muito difícil conseguir alfabetizá-los” (PROFESSORA 2). A professora disse que talvez não conseguisse alfabetizar essas crianças. Sabemos que este é um desafio para o qual nem todos os professores se sentem preparados e diante do qual deverá buscar outras estratégias. Assim como um grupo heterogêneo, as crianças com deficiências necessitam de atividades que lhes desafiem, que lhes estimulem a querer aprender, e mais do que atividades diversificadas, elas necessitam de atividades diferenciadas.

O professor deve ter conhecimento das deficiências de seus alunos e saber das estratégias que podem ser utilizadas, se for surdez, o primeiro passo é Língua Brasileira de Sinais, se for cegueira, tem o braille, se a deficiência for física, podem-se fazer adaptações no ambiente e nos materiais necessários, se for deficiência intelectual, trabalhar concentração, comunicação, interação, contudo, o que não pode é o trabalho desse professor ser solitário.

Diante das circunstâncias, o professor regente na turma necessita, sobretudo da ajuda de outro professor especializado na deficiência que o aluno tem, trabalhando junto com ele, além de contar com a parceria dos pais, professores de apoio, gestão e coordenação da escola, secretaria de ensino, enfim, todos os atuantes na escola para que juntos consigam contribuir com a aprendizagem desses alunos. Concordando mais uma vez com Morais e Leite (2012), quando todos os atores da escola se envolvem no atendimento aos alunos com dificuldade, as chances de sucesso na aprendizagem são bem maiores.

Por fim, trazemos como última dificuldade relacionada ao ensino a *falta de interesse dos alunos*. Sobre isso, a professora falou: “[...] do interesse do aluno, porque às vezes você

dá o conteúdo, faz todas as estratégias e o aluno não consegue” (PROFESSORA 2). Neste trecho, a professora fala sobre os alunos não conseguirem aprender o que é ensinado e sobre eles não verem importância nisso. Talvez esses alunos não se sintam estimulados a aprenderem e não sintam prazer em fazer isso. Destacamos, mais uma vez, a necessidade de serem realizadas estratégias diferenciadas de ensino, estratégias que façam os alunos acreditarem em si, que são capazes de desenvolver suas habilidades e aprendizagens. O professor não deve ficar aprisionado a essa dificuldade, mas procurar meios de superá-las, tornarem-se motivadores e facilitadores da aprendizagem de seus alunos. Uma das estratégias a ser tentada é as que envolvam projetos didáticos ou jogos, por exemplo. Atividades como estas proporcionam autonomia e interesse aos alunos, bem como possibilitam a aprendizagem de maneira dinâmica e instigante, colocando os alunos como agentes principais na busca pela aprendizagem.

4.3 AÇÕES EXPLICITADAS PELAS PROFESSORAS PARA SUPERAREM AS DIFICULDADES NO ENSINO E APRENDIZAGEM DA ALFABETIZAÇÃO

Diante das dificuldades apontadas anteriormente pelas professoras, conseguimos identificar pelo menos oito ações, também citadas por elas, que são realizadas na intenção de superar tais dificuldades. Foram elas: *apoio de outra pessoa na sala de aula; atividades diversificadas; sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE); reforço no contra turno; textos diversificados; ficha de leitura; solicitação de apoio aos pais; e plantão pedagógico.*

O *apoio de outra pessoa na sala de aula* foi uma das ações mais citadas (quatro vezes). Essa segunda pessoa geralmente é um estagiário da área de educação, enviado pela Secretaria Municipal de Educação com o propósito de mediar o ensino para crianças com deficiências que tenham posse de laudo médico. Porém, além dessa atribuição, o estagiário auxilia o professor em outras atividades que geralmente são direcionadas a outros alunos que também possuam alguma dificuldade de aprendizagem. Em relação a este aspecto, a professora comentou: “[...] nós temos o apoio... Eu fiz uma rotina com a auxiliar, durante um horário ela auxilia aquele que está com dificuldade, no primeiro horário, no segundo horário, e cada dia a gente vai trabalhando a dificuldade de todos” (PROFESSORA, 2). Percebemos que o trabalho desse auxiliar funciona realmente como um apoio, tanto para os alunos, quanto para a professora.

O seu trabalho, pois, compreende uma espécie de reforço escolar, no qual, depois de identificadas as dificuldades dos alunos pela professora, esta elabora atividades e estratégias para que o estagiário aplique com os seus alunos de maneira individualizada e durante o acontecimento da sua aula. Dessa forma, sinalizamos que essa ação pode ser eficiente e conceber bons resultados referentes à aprendizagem, no entanto, retira do aluno a sua participação na aula de forma coletiva com os outros alunos da sala e, dependendo do ano escolar, essa prática diferenciada pode ocasionar certa desdenha por parte dos outros alunos sobre o aluno que precisa da atenção diferenciada. Entendemos, assim, que essa é uma ação necessária e que traz bons resultados, mas precisa ser melhor desempenhada.

Associada ao reforço, as professoras buscam *elaborar atividades diversificadas*, outra ação relatada por elas com o objetivo de superar dificuldades. Sobre isto foi dito:

[...] eu tenho um apoio, uma estagiária, então ela já fica dando um reforço àquele aluno que tem mais dificuldade. Mas, antes, só era eu para fazer todo esse tipo de atividades, aí onde dificulta mais ainda, porque eu tenho que ter atenção com os que já estão mais adiantados, os que têm dificuldades, então, são vários tipos de atividades que é para atender cada tipo de dificuldade (PROFESSORA, 1) .

Essas atividades são elaboradas pelas professoras de acordo com as dificuldades do aluno, na intenção de fazê-los avançar nas suas habilidades e hipóteses sobre o SEA. Possivelmente, essas atividades são realizadas com os alunos de maneira individualizada. Fazendo menção ao pensamento de Leal (2005), entendemos que trabalhar as atividades diversificadas de outra forma, que não seja individualizada com o aluno, torna-se um desafio; contudo, evidenciamos que não é impossível, mas revela-se uma atuação trabalhosa a qual, infelizmente, nem todos os professores se mostram dispostos a realizá-la. A autora citada disserta ainda sobre o quão é relevante e difícil identificar as necessidades individuais de cada aluno e ainda atuar com todos ao mesmo tempo. Apesar disso, essa ação ainda é uma boa forma de desempenhar um bom trabalho com uma turma heterogênea, mesmo quando o professor não conta com o apoio de estagiário em sala de aula. Isto porque, durante a aula, alguns alunos podem ir realizando as atividades de modo autônomo, enquanto o professor auxilia outros alunos que estejam com mais dificuldades.

Outra ação apontada como mediadora das dificuldades foi *Atendimento Educacional Especializado (AEE)*, que é existente na escola nas quais as professoras pesquisadas lecionam. A esse respeito, foi dito: “Quando não consegue, aí nós temos... aqui no caso, agente vê análise com a sala de AEE para ver se ele tem algum problema, assim, de dificuldade para

levar relatório e ser acompanhado por psicólogo” (PROFESSORA, 2). Contudo, nem todas as escolas possuem o AEE, importante instrumento respaldado pela lei 9.394/1996 - Lei de Diretrizes e Bases, a qual estabelece no seu Art. 4º, inciso III: “atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com necessidades especiais, preferencialmente na rede regular de ensino” (BRASIL, 1996). Preferencialmente, a sala de AEE deve ser utilizada por crianças com deficiência, porém esse atendimento também é utilizado por crianças que têm dificuldades de aprendizagem na intenção de identificar, quando o professor não consegue fazê-lo sozinho no âmbito da sala de aula, as causas dessas dificuldades e, posteriormente, ajudar a superá-las. Esse auxílio ao aluno e ao professor geralmente acontece duas vezes por semana, no contra turno das aulas do aluno, tendo cerca de uma hora de duração cada atendimento e é realizado por um professor habilitado para essa função. Porém, quando o aluno não pode frequentar o contra turno, o AEE é realizado no horário da aula desse aluno.

O *reforço no contra turno* também acontece através de programas educacionais na escola, os quais foram apontados pelas professoras como mais uma das ações que auxiliam os alunos a superarem suas dificuldades de aprendizagem. Observemos uma das falas: “[...] nós estamos com o projeto, com a parceria do Mais Educação, é... o Mais Educação, que é um reforço no contra turno” (PROFESSORA, 3). Esses programas, além de contribuírem para aprendizagem dos alunos, uma vez que ampliam a jornada escolar das crianças, auxiliam também o trabalho do professor que, contando com esse tipo de apoio, se sente motivado no seu trabalho, dividindo responsabilidades e percebendo que o seu trabalho na educação não deve ser solitário, conforme pensamento de Moraes e Leite (2012), já citado nesta pesquisa. Assim, entendemos que o professor precisa, sim, contar com parcerias.

Para além das parcerias com os professores e da contribuição à aprendizagem dos alunos, é interessante, segundo Albuquerque (2012), que esses tipos de programas sejam conjuntamente utilizados como uma das formas de acompanhamento dos alunos que não conseguem atingir as metas de aprendizagem daquele respectivo ano, mas que irão continuar os estudos para que não sejam excluídos do novo grupo. Isto porque, esse tipo de programa estará também motivando os alunos nos seus estudos, ajudando-os a superarem as dificuldades e mostrando-os que a aprendizagem acontece com a dedicação e com a busca de novos conhecimentos.

Outra forma de tentar contornar as dificuldades citadas pelas professoras é o *trabalho com textos*. Vejamos o que uma das professoras diz sobre isso: “[...] textos, textos diversificados, mudanças, não segue a rotina de 50% da turma, aí vai ser texto diversificado” (PROFESSORA, 2). Esta atitude concilia-se com a prática dessa outra professora, que diz:

“[...] a questão de fichinhas de leitura, eu sempre coloco, aí estímulo eles da seguinte forma... Vamos ver quem consegue ler quando eu chamar para ler [...]” (PROFESSORA, 3).

Percebemos que ambas utilizam-se de textos na intenção de superar as dificuldades dos alunos. Assim, pressupomos que os textos diversificados citados pela professora 2 são utilizados como recurso para leitura, assim como faz a professora 3 com suas fichinhas. Contudo, não ficou muito claro como essas professoras utilizam esses textos para ajudar os alunos a superarem suas dificuldades. Entretanto, esse contato com textos é muito importante para os alunos aprenderem a ler e escrever. De acordo com Galvão e Leal (2005), é necessário que sejam utilizados textos reais, tais como listas, poemas, bilhetes, receitas, piadas. Dessa forma, os alunos podem aprender muito mais sobre a escrita. Além da escrita, podemos dizer que esses alunos estarão sendo alfabetizados e letrados, visto que atribuirão sentido e farão usos sociais do que foi aprendido. Diante das circunstâncias, entendemos que não é apenas importante que os alunos consigam ler e escrever. Para além, é necessário que eles compreendam o que leem e escrevem, sabendo dar significados e fazer usos dessas palavras. Já falamos aqui que o ler e o escrever devem ocorrer de forma simultânea e que, para isso, os alunos devem estar diariamente inseridos em práticas de leitura e escrita.

Por fim, temos a solicitação de *apoio da família* e o *plantão pedagógico*, apontados pelas professoras como ações que têm como objetivo estreitar relações com a família dos alunos para que juntas, escola e família, possam ajudar as crianças a superarem as dificuldades. Sobre isto, foram mencionadas: “[...] e sempre solicitando aos pais também o apoio, isso é fundamental” (PROFESSORA, 1) e “Quando a família não ajuda, nós fazemos isso sempre, todo semestre nós fazemos plantão pedagógico [...]” (PROFESSORA, 1). Como podemos perceber, os pais são convidados a participarem da vida escolar dos filhos, esperando a escola que essa relação torne-se um hábito. Entretanto, se essa parceria não acontece de forma habitual, a escola passa a impô-la através dos plantões pedagógicos, solicitando a presença dos pais ou responsáveis para que tomem conhecimento da situação escolar do respectivo aluno.

Quando há um interesse por parte da família sobre a vida escolar do aluno, certamente esse aluno terá boas aprendizagens, pois a família será extensora do trabalho realizado em sala de aula. Essa relação entre pais e professores só ocasionará vantagens para os alunos, sobretudo quando esses estão com dificuldades. Ao conversar com o professor, a família conseguirá orientações de como deve proceder para ajudar esse aluno a superar as dificuldades também em casa. A dificuldade também pode ser ocasionada por alguma situação familiar e, ao conversar com pais, o professor também conseguirá compreender

melhor a dificuldade do aluno e, dessa forma, poderá de maneira eficaz criar estratégias para contornar as situações e o aluno não ser prejudicado.

Perante o exposto, tornou-se conhecido que a maioria dessas ações mostra que o trabalho do professor não deve acontecer de maneira solitária e que a responsabilidade sobre a alfabetização dos seus alunos não é só sua, pois, como vimos, é importante ele contar com parcerias, tanto dentro do espaço educacional como fora dele. Todos têm suas atribuições e contribuições e juntos serão mais fortes no sucesso do ensino e da aprendizagem, sobretudo da alfabetização.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa pesquisa, buscamos investigar as dificuldades de ensino e aprendizagem na Alfabetização, relatadas por professores da rede pública de ensino de Garanhuns, sobretudo de professores que atuam no ciclo de Alfabetização. Para atingir esses objetivos, foram realizadas entrevistas com três professoras do Ensino Fundamental, que atuavam do 1º ao 3º. Diante dos dados obtidos, nos apoiamos na perspectiva de Análise do Conteúdo (BARDIN, 1977) com a intenção de organizar e analisá-los.

Os resultados apontaram que muitas são as dificuldades encontradas pelos professores para alfabetizar seus alunos. A mais recorrente entre elas foi a falta de parceria com a família, visto que, segundo as professoras, os pais não demonstram interesse pela vida escolar do seus filhos e, quando solicitados para assumir essa divisão de responsabilidades, a maior parte prossegue com comportamentos indiferentes. As outras dificuldades são relacionadas ao primeiro contato de alguns alunos com a escola, o que acaba acarretando outras tantas dificuldades (como a transição da letra bastão para a letra cursiva). Outro fato relatado como dificuldade foi o pouco tempo em sala de aula para acompanhar os alunos de maneira mais individual. As professoras relataram, ainda, dificuldades em relação à leitura, ao não conhecimento básico das sílabas por parte dos alunos e à falta de interesse deles. Por fim, as deficiências de alguns alunos também são entendidas como um desafio.

Em seguida, foram analisadas as ações que são realizadas a fim de superar essas dificuldades supracitadas, ações também relatadas pelas professoras. A mais comum é a presença de outra pessoa na sala de aula a fim de auxiliar os alunos com mais dificuldades apontados pelas professoras da sala. Além disso, também são utilizadas atividades diversificadas, trabalho com textos diversos, fichas de leitura, uso da sala de Atendimento

Educacional Especializado (AEE), reforço no contra turno, solicitação de apoio dos pais e plantão pedagógico.

A partir dos dados obtidos, foi possível concluir que as dificuldades apontadas pelas professoras são atribuídas a fatores que não lhe cabem, ou seja, não há reflexão sobre sua própria prática de modo a criar novas metodologias de ensino que atendam às necessidades de seus alunos com o intuito de sanar as dificuldades presentes na alfabetização. Isso se mostra necessário na medida em visto que as ações já tomadas não estavam sendo eficientes, pois, até aquele momento, existiam números significativos de alunos com dificuldades dentro do ciclo. s e o reforço no contra turno. Assim, chamamos a atenção para a necessidade de o professor enxergar também as suas dificuldades de ensino, bem como poder contar com apoio de todos os envolvidos no processo de Alfabetização para contorná-las.

Para além das discussões sobre o processo de Alfabetização, trazemos esta pesquisa como sendo de interesse para o olhar acerca do trabalho do professor, pois aqui a questão retratada vai além de como o aluno aprende, trazendo-se dessas inúmeras dificuldades que são enfrentadas diariamente pelo professor para que a alfabetização ocorra da maneira que se espera. Desse modo, os dados aqui coletados poderão contribuir para que se criem novas estratégias mediante os percalços existentes em cada sala de aula.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. **Avaliação no ciclo de avaliação**. In BRASIL. Ministério da Educação. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – Currículo na alfabetização: concepções e princípios. Brasil: Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: alfabetização para todos: diferentes percursos, direitos iguais: ano 01, unidade 01 / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. -- Brasília: MEC, SEB, 2012. Disponível em: http://www.piraquara.pr.gov.br/aprefeitura/secretariaseorgaos/educacao/uploadAddress/Unidade_01_Ano_01%5B3632%5D.pdf Acesso em: 20 de dezembro de 2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação 2014-2014**: Lei nº. 13.005/2014, de 25 de junho de 2014. Brasília: MEC, 2014. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm Acesso em: 8 de dezembro de 2018.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm Acesso em: 25 de janeiro de 20019.

BRASIL, **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação. Brasília, 2017. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192
Acesso em: 30 de outubro de 2018.

FREIRE, Angela. **Contribuições teóricas de Emília Ferreiro e Ana Teberosky**. Publicação da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Salvador-BA, 2003. Disponível em: <https://docplayer.com.br/16329200-Contribuicoes-teoricas-de-emilia-ferreiro-e-anateberosky-1.html> Acesso em: 4 de setembro de 2018.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

GALVÃO, Andréa; LEAL, Telma Ferraz. **Há lugar ainda para métodos de alfabetização?** Conversa com professores(as). In: MORAIS, Artur Gomes; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; LEAL, Telma Ferraz. Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 11 a 28.

LEAL, Telma Ferraz. **A aprendizagem dos princípios básicos do sistema alfabético:** por que é importante sistematizar o ensino? In: ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; LEAL, Telma Ferraz. A alfabetização de jovens e adultos em uma perspectiva de letramento. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p. 77 a 116.

LEAL, Telma Ferraz. **Fazendo acontecer:** o ensino da escrita alfabética na escola. In: MORAIS, Artur Gomes; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; LEAL, Telma Ferraz. Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 89 a 110.

LEAL, Telma Ferraz. **Organização do trabalho escolar e letramento**. In: SANTOS, Carmi Ferraz; MENDOÇA; Márcia. Alfabetização e letramento: conceitos e relações. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 73 a 94.

LEAL, Telma Ferraz; CRUZ, Magna do Carmo Silva; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. **Heterogeneidade e direitos de aprendizagem na alfabetização:** os diferentes percursos dos estudantes. Brasil. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: alfabetização para todos: diferentes percursos, direitos iguais: ano 01, unidade 07 / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. -- Brasília: MEC, SEB, 2012. Disponível em: [http://www.piraquara.pr.gov.br/aprefeitura/secretariaseorgaos/educacao/uploadAddress/Unidade_07_Ano_01\[3639\].pdf](http://www.piraquara.pr.gov.br/aprefeitura/secretariaseorgaos/educacao/uploadAddress/Unidade_07_Ano_01[3639].pdf) Acesso em: 22 de dezembro de 2018.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5.ed. - São Paulo : Atlas 2003

MATTAR, Fauze Najib. **Pesquisa de marketing**. São Paulo: Atlas, 1996.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.), **Pesquisa Social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2011.

MORAIS, Arthur Gomes. **Se a escrita alfabética é um sistema notacional (e não um código), que implicações isso tem para a alfabetização?** In: MORAIS, Artur Gomes; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; LEAL, Telma Ferraz. Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 29 a 46.

MORAIS, Gomes de; LEITE, Tânia Maria S. B. Rios. **A colaboração de todos os atores da escola e a participação das famílias dos aprendizes no atendimento às crianças ainda não alfabetizadas.** Brasil. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: a heterogeneidade em sala de aula e a diversificação das atividades: ano 03 unidade 07 / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. -- Brasília: MEC, SEB, 2012. Disponível em: <http://www.serdigital.com.br/gerenciador/clientes/ceel/material/100.pdf> Acesso em: 28 de dezembro de 2018.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 26, 2003. Poços de Caldas. **Anais da ANPED.** Poços de Caldas: GT10, ANPED, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf> Acesso em: 19 de outubro de 2018.

APÊNDICES

APÊNDICE 1- PERGUNTAS DA ENTREVISTA

SOBRE A FORMAÇÃO DA PROFESSORA

Qual a sua idade?

Qual a sua formação inicial? Fez graduação? Qual? Onde? Quando concluiu?

Fez alguma pós-graduação? Qual? Onde? Quando concluiu?

Há quanto tempo dá aula? Há quanto tempo dá aula no ciclo de alfabetização?

Durante a sua formação para professora, você cursou disciplinas específicas sobre como alfabetizar?

Você considera que elas foram suficientes? Se não, você fez algo para complementar essa formação inicial? O que?

SOBRE O ENSINO DA PROFESSORA

Para você, o que é alfabetizar?

Como você faz para alfabetizar seus alunos? Quais as estratégias de ensino que utiliza em sala de aula?

Como você costuma distribuir o tempo das suas aulas para alfabetizar?

O que você espera que o aluno aprenda ou atinja em relação à alfabetização no 1º ano?

SOBRE AS DIFICULDADES DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Você sente dificuldade para alfabetizar seus alunos? Quais?

Como você faz para contornar essas dificuldades?

Você encontra obstáculos que limitam ou retardam o processo de alfabetização dos seus alunos? Quais?

Caso algum aluno não acompanhe o restante da turma, é feito algo para ajudá-lo a acompanhar?

Qual o tempo destinado para isso? É suficiente? Você conta com apoio? De quem?

Quais são as principais dificuldades que seus alunos têm em relação à alfabetização?

É feito algo para ajudar esses alunos a superarem essas dificuldades? O que?

APÊNDICE 2 - TABELA COM AS RESPOSTAS DAS PROFESSORAS SOBRE AS ESTRATÉGIAS DE ALFABETIZAÇÃO, DISTRIBUIÇÃO DO TEMPO E METAS.

	Professora 1	Professora 2	Professora 3
Sobre alfabetizar e as estratégias de ensino que utilizam na sala de aula	<p>- É proporcionar a criança a desenvolver a capacidade de usar a língua e a escrita, para que ele compreenda e se expresse melhor.</p> <p>- Quanto mais o estudante tem contato com a escrita, mas ele aprende, eu utilizo várias metodologias. Por exemplo: recorte de jornal, revista, rótulos, bingo de palavras, cantinho da leitura, roda de histórias, caixa de jogos silábicos, que nós temos alguns, o alfabeto ilustrativo que é muito bom para eles construírem palavras e assim iniciar a escrita. Agora isso tudo de forma lúdica e interdisciplinar.</p>	<p>- Alfabetizar é um processo, eu digo que seja mágico. Nós temos os conteúdos, temos a prática, mas às vezes até durante os três anos você não consegue alfabetizar, às vezes o aluno ele consegue se alfabetizar na sala, às vezes consegue se alfabetizar no período de transição de uma férias e outra. Então, é como se fosse assim uma coisa, uma mágica maravilhosa [...]</p> <p>-É, nós temos os livros, temos os livros didáticos, temos os livros paradidáticos é... Procuro ver os conteúdos, trabalhar com imagens, fantoches, desenhos, ilustrações, para que eles vejam que... se torne fascinante para eles, para chamar atenção. O uso de rede sociais, contatos com os pais, imagens e isso vai fascinando o aluno, vai gostando da escola, vai gostando da sala, e com isso vai despertando para que ele consiga aprender</p>	<p>- Alfabetizar é uma tarefa tão difícil, porque o aluno a gente tem que ver né, se o aluno está letrado, se o aluno só está alfabetizado.</p> <p>- Eu prefiro trabalhar da forma tradicional, daquela questão de ir seguindo o alfabeto, depois vêm as questões das sílabas, a questão né de começar com o alfabeto depois as sílabas e sempre assim, questão do nome deles, a questão de fichinha com o nome e assim, sempre encontrar alguma dinâmica, alguma música, trabalhando com as parlendas pra tentar, assim, que eles prestem atenção sabe? Chamar atenção deles, que eles foquem a atenção o máximo possível. E assim, a leiturazinha, de pé de orelha mesmo.</p>
Distribuição do tempo para alfabetizar	<p>Nós temos uma rotina e um planejamento, mas sempre dando ênfase e prioridade a leitura e a escrita. Todos os dias nós trabalhamos a língua portuguesa no primeiro horário, no segundo horário nos trabalhamos as outras disciplinas.</p>	<p>- [...]a fazer sequência didática, porque aí você trabalha o conteúdo, trabalha todas as matérias, trabalha a parte de teatro, porque quando você envolve a prática, foga da leitura e escrita se torna mais fascinante para o aluno.</p> <p>-[...] o aluno sempre vem com a mente mais leve, segunda e terça, logo no início da semana [...] mas assim sempre no início da semana.</p>	<p>- Assim, porque como geralmente são turmas grandes [...],e não da pra você chegar em todos, todos os dias, aí vai dividindo, quem com quem, fizer esse processo hoje aí amanhã já não faz, oportuniza o colega.</p>
Metas propostas para o respectivo ano escolar	<p>-[...] faça o uso da escrita e da leitura de forma interpretativa, que ele entenda e compreenda o que ele leu, não é?! Porque alfabetização se completa</p>	<p>- [...] esses conteúdos são repassados para eles, então ele vai demonstrar o quê?... Através da oralidade, da escrita, da interação conteúdo/prática, diante das avaliações</p>	<p>- Ele tem que conhecer as sílabas, tem que conhecer... Tem que saber fazer o nome [...].Je assim fazer a leitura pelo menos de textos simples né, pequenos textos porque tem</p>

	quando ele compreende o que ele leu, aí se dá a alfabetização e o letramento[...]	externas e internas [...]e diante desses resultados, de leitura, escrita a socialização, todo esse contexto é o que ele tem que saber no 2º ano	que ser, pelo menos isso para ser o básico no 3º ano.
--	---	---	---

Fonte: A autora, 2018.

APÊNDICE 3 – TABELA COM AS RESPOSTAS DAS PROFESSORAS SOBRE AS DIFICULDADES DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM

	Professora 1	Professora 2	Professora 3
Quais as dificuldades de ensino explicitadas pelas professoras?	<p>-Sim. Acompanhamento dos pais, esse é o grande problema eu acho da educação geral. Quando existe um acompanhamento melhor das atividades de para casa, aí tem uma aprendizagem melhor. Porque a escola tem que trabalhar em parceria com os pais, nós na sala de aula temos pouco tempo para todos os alunos, nos dedicamos individualmente como é em casa, que o pai só tem um filho para acompanhar a atividade. Então a atividade de casa é um complemento do que nós fazemos na sala de aula, muitas vezes vem do mesmo jeito que vai pra casa, aí isso dificulta um pouco.</p> <p>-[...] muitos nunca tiveram contato em sala de aula, eles nunca estudaram, é a primeira vez, é o 1º ano né, então o contato é o primeiro contato com tudo, outros é a transição do infantil para o fundamental, então tudo é novo para eles, a forma de tirar do quadro, a forma da letra, que nós já trabalhamos a letra cursiva e no infantil é bastão, então essas dificuldades é claro que são encontradas, mas faz parte do programa e nós trabalhamos para superar.</p>	<p>-[...] depende muito da criança, do seu meio social, da sua família, como no caso eu trabalho aqui com alunos especiais ou com deficiências e... vai ser muito difícil conseguir alfabetizá-los. Então assim, é um conjunto de muitas estratégias pra que haja essa...coisa, essa mágica</p> <p>-Agora assim, tem que está com aquele acompanhamento da família, do interesse do aluno, porque às vezes você dá o conteúdo, faz todas as estratégias e o aluno não consegue.</p>	<p>-[...] E assim, alfabetizar para mim, pense num desafio, principalmente quando a gente não encontra o apoio da família, para você alfabetizar sozinho, no tempo da escola é complicado</p> <p>- Sim, o apoio da família para ajudar, porque assim, não tem como realizar um trabalho sozinha.</p>
Quais as dificuldades de aprendizagem vivenciadas pelos alunos, de acordo com as professoras?	<p>- A escrita, é complicado em relação à passagem da letra bastão para cursiva, são imaturos emocionalmente, aí tem que trabalhar isso tudo, para depois iniciar essa fase da escrita e da grafia, porque é complicado a transição da educação infantil para o ensino fundamental, é muito complicado</p> <p>-[...] esse é um dos motivos, a falta de parceria (com os pais).</p>	<p>- A leitura, a escrita ela é... Eu não sei, como é interessante, mas a leitura ela é... que ele tem mais dificuldade.</p> <p>-[...] eu sinto dificuldade na interação do extraescolar, como no caso a família. Assim, ela quer muito que a escola faça, o professor faça, mas quando a gente pede esse retorno</p>	<p>- A questão do conhecimento mesmo, assim, do básico, das sílabas mesmo.</p> <p>- É...assim a estrutura familiar. Quando a gente começa a conversar assim, cada um tem uma história, e tem assim, a questão da estrutura familiar mesmo, do apoio de família, de família mesmo, porque se a gente parar para ouvir é cada historia que você não</p>

		não acontece, e principalmente daqueles alunos que têm mais dificuldades.	acredita que crianças passem por determinadas situações e a gente sabe que isso tudo cria um bloqueio, gera bloqueio.
--	--	---	---

Fonte: A autora, 2018.

APÊNDICE 4 – TABELA COM RESPOSTAS DAS PROFESSORAS SOBRE AS AÇÕES REALIZADAS PARA SUPERAR AS DIFICULDADES

	Professora 1	Professora 2	Professora 3
O quem sido feito para superar essas dificuldades?	<p>-Quando a família não ajuda, nós fazemos isso sempre, todo semestre nós fazemos plantão pedagógico [...].</p> <p>- Atividades diversificadas</p> <p>-1 hora ele fica tipo um reforço. Agora, tem uma semana que eu tenho um apoio, uma estagiária, então ela já fica dando um reforço aquele aluno que tem mais dificuldade. Mas antes, só era eu para fazer todo esse tipo de atividades, aí onde dificulta mais ainda, porque eu tenho que ter atenção com os que já estão mais adiantados, os que têm dificuldades, então, são vários tipos de atividades que é para atender cada tipo de dificuldade.</p> <p>-[...] e sempre solicitando aos pais também o apoio, isso é fundamental.</p>	<p>- Quando não consegue, aí nós temos... aqui no caso, agente ver análise com a sala de AEE (Atendimento Educacional Especializado) para ver se ele tem algum problema, assim de dificuldade para levar relatório e ser acompanhado por psicólogo.</p> <p>-[...] nós temos o Mais Novo Educação, nós temos o apoio e auxiliar em sala de aula.</p> <p>-[...] textos, textos diversificados, mudanças, não segue a rotina de 50% da turma, aí vai ser texto diversificado, o apoio sempre presente, aquele momento que ele esta com dificuldade ele fica próximo ao birô.</p> <p>- [...] nós temos o apoio... Eu fiz uma rotina com a auxiliar, durante um horário ela auxilia aquele que estar com dificuldade, no primeiro horário, no segundo horário, e cada dia a gente vai trabalhando a dificuldade de todos. Com atividades diversificadas, com aquele apoio na escrita, ali ao lado.</p>	<p>-Nós estamos... Com o 3º ano nós estamos com o projeto com a parceria do mais educação, é ...o mais educação. Que é um reforço no contra turno, a gente tem o mais alfabetização que é para 1º e 2º ano e no 3º ano estamos no mais educação... É se não me engano o nome, é que é tanto projeto. Esse é no contra turno, aí a direção da escola pediu um levantamento daqueles alunos que precisam de acompanhamento, que eu não estou conseguindo suprir, pela demanda de aluno que é na sala.</p> <p>- É, a questão do projeto mesmo, a questão de fichinhas de leitura eu sempre coloco, aí estímulo eles da seguinte forma... Vamos ver quem consegue ler quando eu chamar para ler, já vai ganhar outra. No final do mês vamos ver quem ganhou mais fichinha, assim.</p>

Fonte: A autora, 2018.